

UM GRITO NO AR

Comunicação e Criminalização dos
Movimentos Sociais



Organizadoras

Elen Geraldes
Janara Sousa
Ruth Reis
Vanessa Negrini



Universidade de Brasília



FAC
LIVROS

Um grito no ar

Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais

Organizadoras

Elen Cristina Geraldês | Ruth de Cássia dos Reis

Janara Kalline Leal Lopes de Sousa | Vanessa Negrini



Copyright © 2017 by FAC-UnB

Foto Capa Daniel Castellano (Gazeta do Povo)
Agradecimentos Ângela Alves Machado
Diagramação LaPCom
Apoio Lizely Borges



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UNB

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte,
Brasília - DF, CEP: 70910-900, Telefone: (61) 3107-6627
E-mail: fac@unb.br

DIRETOR
Fernando Oliveira Paulino

VICE-DIRETORA
Liziane Guazina

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Geraldes, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e
Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Cíclia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard
Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti
(UFSC).

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo
Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng
(Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal).

SECRETARIA EDITORIAL

Vanessa Negrini

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica

S725m

Um grito no ar – Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais /
organizadores, Elen Cristina Geraldes... [et al.] – 1. ed. – Brasília: FAC-UnB, 2017.
344 p.; 21,59x27,94cm.

ISBN 978-85-93078-24-8

1. Comunicação. 2. Movimentos sociais. I. Título.

CDD: 305.4

CDU: 305-055.2

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO PARA A FAC-UNB.
Permitida a reprodução desde que citada a fonte e os autores.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
ALEXANDRE MARCELO BUENO.....	9
MOVIMENTOS SOCIAIS E SEUS SIMULACROS	
ANA JÚLIA RIBEIRO	26
A MÍDIA QUER NOS COLOCAR PARA BAIXO	
ANINHO MUCUMDRAMO IRACHANDE	30
IDENTIDADE, REIVINDICAÇÕES E DIÁLOGO	
BEATRIZ VARGAS RAMOS GONÇALVES DE REZENDE	34
EM DEFESA DA REGULAÇÃO DA MÍDIA	
BRUNELA VINCENZI.....	47
PELAS NARRATIVAS DOS REFUGIADOS	
CARLA CERQUEIRA.....	52
MARCAS DA DITADURA EM PORTUGAL	
CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO	59
LUTA ÁRDUA, PENOSA E DURADOURA	
CICILIA M.KROHLING PERUZZO	65
MOVIMENTOS POPULARES ENTRE A OMISSÃO, A SUPERFICIALIDADE OU A CRIMINALIZAÇÃO DA MÍDIA	
CLAUDIA SANTIAGO GIANNOTTI	71
SÍNDROME DO PENSAMENTO ÚNICO	
DÁRIO BOSSI.....	76
DIREITOS AMBIENTAIS SÃO DIREITOS HUMANOS	
DEOLINDA CARRIZO	90
A IMPORTÂNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	
EDNA CALABREZ MARTINS.....	94
ENFRENTAMENTO DA INVISIBILIDADE DAS MULHERES	
ERIKA CAMPELO.....	108
DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE AS MINORIAS	
FRANCESCA GARGALLO.....	119
FEMINISMO COMO AÇÃO POLÍTICA	
FREI SERGIO ANTONIO GÖRGEN	134

TEMOS UMA CAUSA E NELA ESTÁ A NOSSA FORÇA	
GIOVANNI FELIPE ERNST FRIZZO	142
VALORIZAÇÃO DA IMPRENSA CONTRA-HEGEMÔNICA	
JOSÉ CARLOS DO NASCIMENTO GALIZA	150
CONVENCER A SOCIEDADE DE QUE NOSSAS PAUTAS SÃO VÁLIDAS	
JOSÉ VALDIR MISNEROVICZ	157
VALE A PENA LUTAR E SE ORGANIZAR	
KEILA SIMPSON	166
CIDADANIA DAS PESSOAS TRANS	
LAM MATOS	173
PRESSA DE VIVER DE FORMA DIGNA	
LYDIA ALPIZAR	179
DEFENDER AS DEFENSORAS DOS DIREITOS HUMANOS	
MÁRCIO ZONTA	193
EMANCIPAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA	
MARCOS WILLIAN CAMPOS DE OLIVEIRA	197
QUEBRANDO A BLINDAGEM DA MÍDIA TRADICIONAL	
MARIA EDUARDA DA ROCHA MOTA	206
TRABALHO DE BASE E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA	
MARIA LUCIA LOPES DA SILVA	217
RESISTÊNCIA AO PROJETO NEOLIBERAL	
MARINA POGGI	232
LA SOCIEDAD EN RED ACTUALIZA LOS MOVIMIENTOS SOCIALES E SUS LUCHAS	
MIGUEL STEDILE SOLANGE ENGELMANN IRIS PACHECO	242
COMUNICAÇÃO E ORGANICIDADE DO MST	
MÔNICA CUNHA	259
NÃO SE PODE MATAR NOSSOS FILHOS E NOS MANTER CALADAS	
OMAR CERRILLO GARNICA	265
ATIVISMO DIGITAL NO MÉXICO	
PRISCILA GAMA	272
AÇÕES AFIRMATIVAS CONTRA O RACISMO	
RAFAEL FORTES	277

AI DE QUEM QUEBRAR A VIDRAÇA DE UM BANCO	
RENATO JANINE RIBEIRO	288
A POLÍTICA PRECISA DE DIÁLOGO	
ROMERO JÚNIOR VENÂNCIO SILVA	298
A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ PRÓPRIA DOS TRABALHADORES	
ROUSILEY CELI MOREIRA MAIA	305
DESAFIOS DOS ATIVISTAS EM AMBIENTES SOCIAIS INTERCONECTADOS	
TÂNIA CRISTINA CRUZ	311
HOJE É MAIS DIFÍCIL DILUIR OU VIOLENTAR DIREITOS POPULARES	
TÂNIA MARIA SILVEIRA	316
QUALQUER GRITO NO AR É UM INCENTIVO	
THIAGO APARECIDO TRINDADE	325
MOMENTO DE REARTICULAÇÃO E REAGRUPAMENTO DA ESQUERDA	
VAGNER FREITAS	337
SER VISÍVEL É QUESTÃO CENTRAL	
A CAPA	342
AS ORGANIZADORAS	343

“E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos”,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)

“Os governos autoritários em todo o mundo se colocam contra a tendência de oposição global, que é a oposição via Movimentos Sociais e esses ditadores parecem ter consciência plena da eficiência de minar esses Movimentos.”

BRUNELA VINCENZI

Pelas narrativas dos refugiados

Gabriela Santos Alves¹
Pâmela Rocha Vieira²

Brunela Vincenzi é advogada, professora do Departamento de Direito da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes/Brasil) e militante na área dos Direitos Humanos. Fez mestrado na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP) e empreendeu algumas reflexões sobre o ambiente elitista e excludente da Academia, sentindo-se impulsionada a estudar o Direito como um fundamento de melhora na vida das pessoas, que poderia servir para a paz e pacificação social, por exemplo. Em seguida, passou dez anos na Alemanha, onde cursou Doutorado e trabalhou em uma associação de apoio às mulheres estrangeiras, principalmente imigrantes brasileiras. Brunela afirma que o “estalo” para seu engajamento em defesa dessas mulheres aconteceu quando uma delas afirmou que preferia as condições de vida numa penitenciária alemã que a liberdade em seu local de origem, em periferias do Brasil. Desde então, desenvolve um trabalho junto aos refugiados que chegam ao Espírito Santo.

¹ Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Territorialidades da UFES e pós doutoranda em Comunicação e Cultura (Eco-UFRJ). É feminista e no campo da realização audiovisual dirigiu e roteirizou o curta metragem C(elas), que trata da relação entre maternidade e ambiente prisional; atualmente desenvolve roteiro de longa metragem sobre o mesmo tema e coordena equipe que desenvolve documentário sobre a condição dos refugiados no Espírito Santo. Áreas de interesse acadêmico: cultura audiovisual, feminismo e memória. E-mail: gabriela.alves@ufes.br

² Jornalista e mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (Poscom Ufes). Tem como objeto de dissertação, especificamente, a misoginia sofrida por Dilma Rousseff no contexto do processo de impeachment. E-mail: pamelarochavieira@gmail.com

Qual o papel dos Movimentos Sociais na atualidade? Houve mudanças nos últimos tempos? Cite exemplos.

Parece-me que houve sim, muitas mudanças, e há ainda uma mudança em curso. Se formos pensar no primeiro Movimento Social, no sindicalismo do início do século XX, temos aqui o primeiro modelo de Movimento organizado e estudado. E aqui percebemos dois atores: o proletariado, oprimido, que precisa se unir para ter uma voz única, com certa possibilidade de paridade e o dono do capital, que diante de um grupo organizado sente certa pressão, no sentido de se ver obrigado a negociar alguma coisa. O importante do Movimento Social nesse momento era ter um grande número de pessoas organizadas, para fazer frente ao poder opressor do capital. Algum tempo depois, o debate cresce e passou a tratar da ampliação de direitos. Os direitos das minorias, das populações perseguidas, até mesmo como os refugiados e também as mulheres, o movimento negro, o movimento estudantil. Percebemos uma ebulição, que explicita vários atores, com uma espécie de subdivisão dentro dos Movimentos. A partir daí, passamos a conviver com várias pautas e desde então há uma ideia de muita dispersão. O cenário é de caos aparente, mas na minha visão isso é mesmo fruto da Pós-Modernidade. É um caos aparente e ao mesmo tempo ordenado e que carrega um propósito: a desconstrução de vários discursos anteriores. Isso dá aos Movimentos a possibilidade de se unirem em algumas lutas e também garante a chance de um debate democrático entre todos esses Movimentos.

Como os Movimentos Sociais são noticiados pela imprensa do seu país? Há diferenças entre os veículos? Cite exemplos.

Atualmente, quando os Movimentos Sociais parecem ser uma força de oposição ao governo atual, principalmente depois da mudança de governo, os Movimentos são vistos como “aqueles que são fora da lei”. Há uma tentativa da mídia de criminalizar as atividades dos Movimentos, simplesmente por agirem contra o governo. Os governos autoritários em todo o mundo se colocam contra a tendência de oposição global, que é a oposição via Movimentos Sociais e esses ditadores parecem ter consciência plena da eficiência de minar esses Movimentos. No Brasil, por exemplo, em alguma manifestação de rua, a imprensa veicula as imagens de vidraças dos bancos quebrados, ou das bombas de gás lacrimogêneo, mas se recusa a explicar o contexto daquela manifestação e até mesmo a levantar razões de termos chegado a tal ponto. Quanto às diferenças entre os veículos, parece-me um problema geral: há a mídia alternativa, como a Mídia Ninja, a Carta Capital tenta retratar o outro lado, mas sinto que também pesa para esse “outro lado”. Muito do que temos de informação chega por meio das redes sociais, mas a mídia tradicional também continua tendo poder naquele espaço. Eu continuo acompanhando jornais europeus e acho que eles dão algumas abordagens diferentes, acompanho também o El País e percebo uma abordagem mais rica e menos caótica que a da imprensa nacional.

De alguma forma a imprensa do seu país contribui para a construção de uma imagem estereotipada dos Movimentos Sociais? Cite exemplos.

Sim. Existe uma tentativa de marginalização dos Movimentos e também de seus grupos simpatizantes. Aqui no Espírito Santo, por exemplo, os alunos da Ufes são frequentemente associados ao estereótipo de vândalos e destruidores do patrimônio. Eu observo um interesse em dismantelar o ensino público, por meio da rotulação dos alunos como “vagabundos” com o objetivo de desmoralizar a própria Universidade pública e valorizar as faculdades particulares. Com relação aos refugiados, que acompanho de perto, percebo a construção de estereótipos menos no Brasil e mais na Europa. Por exemplo, o caso dos sírios: vêm de uma área de conflito, a maioria é muçulmana. E o que chega na imprensa? Que as mulheres muçulmanas são oprimidas e essa sociedade é atrasada, portanto se nosso país começar a receber muitos sírios, podemos nos tornar uma sociedade opressora de mulheres. Esse nível de argumentação é simplista pois não respeita a cultura nem a religião de outras pessoas. Então muitos enxergam a proteção aos refugiados como o endosso daquelas práticas. Para mim os refugiados são seres humanos. Independente de suas origens e raízes culturais, merecem ser respeitadas como tal. Dentro da Universidade já fui chamada de contraditória por amparar pessoas que não garantem direitos às suas mulheres e muito disso decorre da atuação da imprensa, na criação de estereótipos. Outra preocupação é a abordagem economicista da imprensa sobre a questão dos refugiados, o que transforma as pessoas apenas em um dado financeiro.

Consegue identificar as vinculações políticas e ideológicas dos principais veículos de comunicação do seu país? Cite exemplos. Quais as consequências dessas vinculações para as reivindicações dos Movimentos Sociais?

Os veículos tradicionais aqui do Brasil têm medo de usar a liberdade de imprensa como deveria ser. Para além de estar entre “esquerda ou direita”, a mídia quer sempre estar no centro das relações de poder. A imprensa está muito mais preocupada em ser bem aceita pelo grupo político detentor de poder naquele momento do que em informar com compromisso e responsabilidade. Por isso, às vezes, fica tão difícil até criticar a imprensa, porque há a adoção de discursos momentâneos, num jogo de poder do qual a imprensa participa. Isso remonta a várias coisas, porque há sempre um grupo no poder, muito além de ideologia política e essa lógica parece confirmar que todos os setores da sociedade querem se beneficiar. Então, vigora a prática do “se eu falar mal do governo, vou ser prejudicado” e aí todo mundo quer entrar nessa lógica, inclusive a imprensa. A gente percebe a existência de algumas pautas progressistas mas é preciso buscar entender qual é o interesse por trás disso. Por exemplo: a nova lei de imigração, com aspectos muito mais humanitários e que não faz sentido com o atual governo do Brasil. A imprensa também está defendendo essa lei, com qual interesse? Na verdade, houve a preparação de um discurso externo para a ONU e o Brasil buscou fazer uma cortina de fumaça quanto aos refugiados, para ocultar violações dos Direitos Humanos desse mesmo governo. Então, a narrativa é muito mais complexa que “esquerda versus direita”.

Há diferença da cobertura dos Movimentos Sociais pela imprensa do seu país e internacional? Cite exemplos de fatos, protestos e manifestações em que a cobertura nacional foi diferente da internacional, no sentido de criminalizar os Movimentos Sociais.

A imprensa do Brasil está sempre preocupada em estar ao lado do poder e a cobertura é sempre na ideia de marginalizar, destruir o patrimônio público. É um argumento financeiro, é isso que repercute. Por exemplo, a Greve Geral do dia 28 de abril: a imprensa estrangeira mostrou que o país parou, que houve uma organização e não esse caos social que foi relatado aqui no Brasil. A abordagem é tão diferente que parece uma outra realidade.

Qual a importância da imprensa para os Movimentos Sociais e quais as estratégias de comunicação possíveis de serem adotadas para dialogar diretamente com a sociedade? Cite exemplos.

A imprensa é importante para qualquer iniciativa política. Se a gente for observar os Movimentos Sociais como forma de expressar a oposição política, que é o que eu acredito como a forma certa, a imprensa teria que dar aos Movimentos a mesma voz e o mesmo peso que dá para as opiniões políticas institucionalizadas. Mas como há um interesse na manutenção do poder, é muito difícil conseguir que os Movimentos Sociais tenham um canal de expressão. A solução me parece ser a busca por canais que o próprio Movimento Social possa escrever sua narrativa, como é possível por meio da internet. Eu acho que a principal solução é o uso dos meios virtuais, que também permite a união de forças entre os Movimentos. Uma ideia que eu acho legal é a do Fórum Social e também outros tipos de organização paralela, em plataformas globais. A ONU tem privilegiado muito isso: sempre que há uma conferência grande, existe também a reunião de grupos da sociedade civil. Aqui no Brasil, o enfraquecimento dos Conselhos Comunitários aponta para a redução de um canal de comunicação dos Movimentos, que seria independente desses meios institucionalizados.

Considerações finais

Gostaria de pontuar a participação dos estrangeiros nesses Movimentos Sociais. Todo ser humano é um ser político e quer opinar e os estrangeiros que chegam aqui são os menos escutados. Esse grupo também poderia se formar como uma espécie de Movimento. Quero também agradecer pela oportunidade da entrevista, visto que esse é um debate essencial e que pode colocar os estrangeiros como uma categoria de Movimento Social. Atualmente, para a formulação de uma lei que vai regulamentar a vida dos estrangeiros do Brasil, eles sequer são ouvidos. O Movimento Social pode blindar a perseguição pessoal por meio da identidade de uma militância coletiva, até que haja uma melhora na qualidade de vida.

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)



Universidade de Brasília

